CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
VIAGEM AO FIM DO MUDO
5 de novembro de 2026

DAS TAGEBUCH EINER VERLORENEN / 1929

"Diário de Uma Mulher Perdida"

um filme de Georg W. Pabst

Realização: Georg W. Pabst / Argumento: Rudolf Leonhardt, segundo o romance de Margarethe Boehme / Fotografia: Sepp Allgeiter / Direcção Artística: Ernno Metzner, Emil Hasler / Intérpretes: Louise Brooks (Thymian), Josef Rovensky (Henning), Vera Pawlowa (Tia Frida), Fritz Rasp (Meinart), Arnold Korff (Conde Osdorff), André Roanne (o seu sobrinho), Andrews Engelmann (Director do reformatório), Valeska Gert (a sua mulher), Franciska Kinz (Meta), Sybille Schmitz (Elizabeth), Edith Meinhard (Erika), Siegfried Arno (um convidado), Kurt Gerron (Dr. Vitalis), Speedy Schlichter, Emmi Wyda, Jaro Furth, Hans Casparius.
Produção: G.W. Pabst-Film (Berlim) / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, mudo, com intertítulos em francês e alemão traduzidos eletronicamente em português, 83 minutos a 22 fps / Estreia Mundial: Berlim, em 15 de Outubro de 1929 / Inédito comercialmente em Portugal. Exibido pela primeira vez em Março de 1981 na Cinemateca Portuguesa e na Fundação Gulbenkian integrado no ciclo do Cinema Alemão.

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Vire-se este filme para onde se virar vamos dar sempre ao mesmo: Louise Brooks. É ela o seu sangue, é ela a sua vida, é ela a sua alma. E **Das Tagebuch Einer Verlorenen** nem é um grande filme, nem mesmo um dos melhores Pabst. É talvez, até o mais contraditório trabalho de um realizador já de si contraditório. Mas tudo (defeitos e contradições) se ofusca com a presença radiosa e a sensualidade luminosa da actriz americana, que um dia trocou Hollywood pela Alemanha para nosso proveito, sua notoriedade e desgraça profissional. Sabe-se que, como um marido traído, a indústria americana de cinema a boicotou no seu regresso, dando-lhe apenas alguns papéis menores e cada vez mais medíocres ao longo da década de 30 que a levaram a optar pelo afastamento.

Se em **Die Buchse der Pandora** se encontra uma síntese perfeita da imagem de Louise Brooks com a personagem, em **Das Tagebuch...** é, fundamentalmente a primeira que importa, dominando a segunda. Esta é secundária, é Louise Brooks que se procura e se vê. E nem precisa de "representar". Basta-lhe "estar". Há duas cenas que podem servir de exemplo, e mostram como esta actriz foi um dos mais fulgurantes casos de fotogenia e "presença", apenas igualada por Greta Garbo, Marlène Dietrich e Marilyn Monroe, e como estas, verdadeiro arquétipo feminino (João Bénard da Costa em texto anterior sobre este filme refere que "Mais do que Garbo, Marlène ou Marilyn - ou pelo menos tanto - Louise Brooks faz-nos entrever esse "other side", quintessência das mulheres dos autores expressionistas, descoberta de um outro (e mesmo) "eterno feminino" que no nosso século ilustrou os mitos "antiquíssimos e idênticos" de Eva, Pandora ou Lilith"). A importância dessas cenas vem do facto da sua (aparente) imobilidade. A primeira, a cena do beijo-desmaio nos braços de Meinert, é a mais citada, mas a segunda é tão importante e talvez mesmo mais

sugestiva: a primeira sedução de Thymian no bordel. No que se refere à primeira convém, desde já, referir que a vamos ver na íntegra. A velha cópia que antes exibíamos, e que circulava antes da restauração do filme, terminava a cena com o desmaio, deixando à imaginação o que depois acontecia. Se o que vemos a seguir não é mais do que a materialização daquilo que se "imagina" (o corte transformou-se, no fim de contas, numa sugestiva elipse), a cena integral acaba por nos trazer a que talvez seja a mais sugestiva e erótica imagem da actriz, com uma poderosa carga libidinosa (o que talvez explique o "corte"), e que acaba por ser a melhor ilustração do que dissemos atrás, no que se refere à força erótica da imagem "imóvel", que neste filme, mais do que em qualquer outro, funciona como "entrega" total (os olhos fechados, o "desfalecimento"): o corpo de Thymian deitado na cama, em pose langorosa, que sendo de repouso é também de "entrega", perante o olhar lúbrico de Meinert. Por falarmos em cortes, podemos acrescentar os restantes que agora podemos ver, onde se destaca uma longa sequência "humorística" com o cliente para as presumíveis lições de ginástica com que Thymian pensa sobreviver no bordel, após a fuga do reformatório, cena caricata que nada adianta, espécie de quisto no conjunto da obra, cujo corte revela que quem os fez sabia bem o que fazia, e não tinha desta vez nada a ver com a censura. Outros cortes, mais pequenos, podem ser detectados agora com a visão integral nas cenas do reformatório, em especial no dormitório das raparigas.

À cena do referido beijo-desmaio, junta-se a que marca a iniciação de Thymian na "vida", culminando uma lenta "sedução" a que a velha madame dá uma ajuda (a cena em que esta coloca a mão de Thymian no ombro do cliente). Segue-se a dança, em que Thymian se deixa "cair" nos braços do homem, levada por este, rodopiando, por entre portas que se abrem até ao quarto onde, mais uma vez, a entrega se faz pela imobilidade na cama. (Não recordo actriz alguma capaz de dar a esta imagem de mulher "passiva" uma carga de "domínio" tão forte. Mais ninguém, de facto, poderia ter sido a mítica Pandora no cinema como Lulu-Brooks). Se mais não houvesse ainda no filme (embora tudo o que tem de melhor esteja à volta de Louise Brooks, e ainda bem!), e apesar do "moralismo" que encerra e de algumas ambiguidades ideológicas (que podem explicar o percurso posterior do realizador) bastavam estas duas cenas para fazer de **Das Tagebuch Einer Verlorenen** um clássico incontornável.

Das Tagebuch Einer Verlorenen foi o último filme mudo de G.W. Pabst, feito quando já o sonoro começava a impor-se um pouco por todo o lado. Adaptado de um romance "moralista" de Margarethe Boehme, que procurava defender a necessidade de reformas no sistema educativo (em certa medida é uma espécie de Oliver Twist dos anos 20 deste século que termina, mas sem o talento de Dickens), foi também o último trabalho de Pabst com Louise Brooks (parte final de uma "trilogia erótica" inciada com **Abwege** e **Pandora**), que na Europa iria ainda trabalhar em França e Itália com Augusto Genina (**Prix de Beauté**). De certo modo foi também o que mais envelheceu no que diz respeito ao enquadramento social do argumento, tanto na encenação do "conselho de família" que expulsa Thymian, como em certas cenas do reformatório. Apesar de tudo, e do excesso que contem, a sequência do "leilão" de Thymian contem ainda uma cena poderosa, o face a face da "mulher perdida" com o pai. Quanto à conclusão, apesar de alguma ironia que nela se detecta, conjuga-se com o moralismo da obra literária. Apesar de um final "alternativo" (Thymian explorando um bordel, por sua vez) que terá sido filmado mas nunca se viu.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico